

O Conjunto Marumbi

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Conjunto_Marumbi#/media/Ficheiro:Vista do Marumbi do Anhangava-Andr%C3%A9 Barroso da Veiga01.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Conjunto_Marumbi#/media/Ficheiro:Vista_do_Marumbi_do_Ahangava-Andr%C3%A9_Barroso_da_Veiga01.jpg)

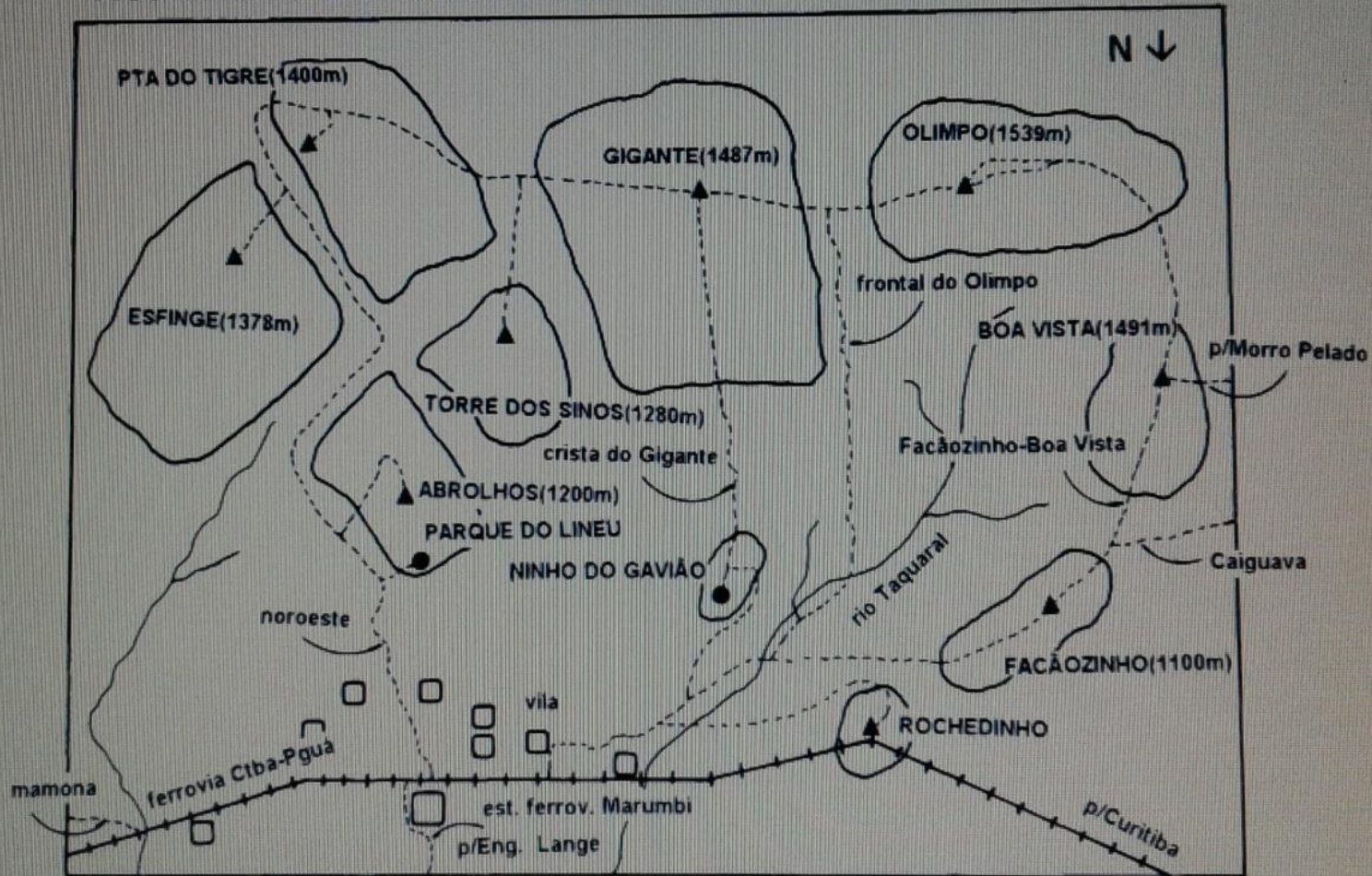
NELSON HEY E O CONJUNTO MARUMBI

AVENTURAS DE 1938 A 1951

NELCI HEY

BOLETIM HISTÓRICO Nº 17 – JUNHO DE 2021

FIGURA 16: CUMES E TRAJETOS DO CONJUNTO MARUMBI



FONTE: AUTOR

SEM ESCALA

<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25388/D%20-%20STRUMINSKI,%20EDSON.pdf?sequence=1>

Por volta de 1938, aos seus 12/13 anos, Nelson Hey, brasileiro, paranaense de Ponta Grossa, nascido em 5 de janeiro de 1926, casado (hoje viúvo), com quatro filhos, foi pela primeira vez ao conjunto Marumbi com a Associação dos Escoteiros Evangélicos de Curitiba (na qual ingressou em 1938), depois denominada de Associação de Escoteiros Guairacá (em 28 de setembro de 1939) e mais tarde (1941) reunida com a Associação de Escoteiros Escolares de Curitiba. Transferiu-se para o Clã Guaianazes da Associação Escoteira do Círculo Militar do Paraná em 15 de julho de 1943.

Ficou deslumbrado com as montanhas e voltou muitas outras vezes, tanto quanto podia, para conhecer todos os seus cantos possíveis. Só não foi mais vezes por conta dos estudos e do trabalho que já exercia, desde muito novo.

Conheceu pessoas incríveis e tão entusiasmados pelas montanhas como ele. Um destes foi o Sr. Waldemar Buecken, companheiro filiado desde 1941 na Associação dos Escoteiros do Círculo Militar, 1º Grupo Mauá, na Patrulha do Gavião, donde veio seu apelido marumbino.

Como seu amigo Waldemar era chamado de **Gavião** (devido ao nome Patrulha), Nelson passou a ser **Tubarão**, devido ao sobrenome **HEY**, pois tubarão em alemão é "**HAI**"... Gavião e

Tubarão fizeram muitas proezas juntos, algumas poucas contadas aqui.

O Conjunto Marumbi, ou Serra Marumbi, é uma cadeia de montanhas de difícil acesso, formado pelas montanhas: **Olimpo** (1539 metros), **Boa Vista** (1491 metros); **Gigante** (1487 metros); **Ponta do Tigre** (1400 metros); **Esfinge** (1378 metros); **Torre dos Sinos** (1280 metros); **Abrolhos** (1200 metros); **Facãozinho** (1100 metros) e pelo **Morro Rochedinho** (625 metros). Total de oito montanhas e um morro.

RECORDAÇÕES - HISTÓRIA I

*“Numa bela manhã, Gavião e Tubarão decidiram que iriam escalar - **em um único dia - todas as montanhas e o Morro Rochedinho**. Porém, conseguiram subir e descer apenas sete, das oito montanhas - faltando somente Abrolhos - pois se tentassem a oitava perderiam o trem e não conseguiriam voltar para casa.*

*Após conseguir esta sensacional proeza, conquistaram o direito a ter um sobrenome...Gavião passou a ser **Gavião do Mar** (Waldemar) e Tubarão a ser chamado de **Tubarão da Montanha** (Nelson).”*

Obs: Este fato está devidamente registrado nos Livros de cada montanha e estava guardado no Clube do Marumbinista de Curitiba, antigamente com sede na Marechal Deodoro; hoje deve estar no Clube Paranaense de Montanhismo com sede na Rua Flavio Dalegrave, 5044, bairro Boa Vista, site: www.cpm.org.br

RECORDAÇÕES - HISTÓRIA II

Como bom escoteiro Nelson Hey pensou em organizar um local apropriado para o registrar as subidas nas montanhas, pensando que no futuro seria interessante.

*Na década de 40, como ele trabalhava na empresa do pai, a Papelaria Universal, que era gráfica também, resolveu fazer nove livros de capa dura, bem resistente (um pouco maior que uma folha de papel almaço – em torno de 20x30cm), com espaço nas linhas pautadas para colocar a data, tempo de permanência e a assinatura do marumbinista. Estes livros foram **colocados no alto de cada uma das montanhas** para a assinatura de quem chegasse ao topo de todas as montanhas. Para evitar que estragassem, Nelson Hey projetou e mandou fazer, com seus próprios recursos, várias caixas de zinco medindo 30 x 40cm para colocar os livros e*

uma caneta dentro, e assim ficarem protegidos das intempéries.

Observação: *Ele conhecia bem o pessoal de uma empresa, na Rua São Francisco, Centro em Curitiba, que lidava com zinco, bronze e outros metais, fazendo fechaduras, lápides e outros; eram clientes da gráfica de seu pai e por esta razão teve um valor acessível na hora do pagamento.*

Por fim, cada montanha tinha sua caixa de zinco e seu livro de capa dura. Alguns destes livros foram extraviados, porém alguns ainda existem e estariam guardados sob a responsabilidade do Clube do Marumbinista de Curitiba, antigamente com sede na Marechal Deodoro; hoje devem estar no Clube Paranaense de Montanhismo.

RECORDAÇÕES - HISTÓRIA III

“Gavião e Tubarão juntos subiram inúmeras montanhas do Conjunto Marumbi, abriram novos caminhos para as escaladas e, sempre companheiros, colocaram 3 ou 4 ganchos para acesso da parte frontal do Abrolhos.

Waldemar Gavião foi um dos primeiros que pensou em como escalar o Abrolhos pela frente. Viu que somente com acesso de cordas seria possível esta escalada com segurança.

*Algumas semanas depois— meados 1946 — ele convidou o Nelson Tubarão para ajudá-lo numa empreitada histórica: a **colocação de grampos metálicos para amarração das cordas de segurança**, tornando possível a subida para o Pico do Abrolhos pela frente, na pedra lisa.*

Seria preciso colocar 3 ou 4 grampos, ou até mais... Infelizmente Nelson Hey não lembra exatamente quantos foram, mas que passaram o dia todo trabalhando duro, sim isto ele lembra.

Enquanto o Waldemar, amarrado por uma corda apenas, mas totalmente seguro amarrado junto com o amigo, talhava a pedra, o outro dava o suporte e o segurava com cordas. Caso o de cima escorregasse, estava preso ao outro e, com a corda presa na base, nenhum acidente aconteceria. Eles se revezavam nesta atividade, pois perfurar uma rocha já não era fácil, com apenas uma talhadeira e um martelo e ainda pendurados numa corda, era demais... o cansaço tomava conta e eles se revezavam, pois queriam terminar tudo num dia só.

Para apoio, eles fizeram um suporte inicial com uma madeira grossa. Com a talhadeira Gavião fez o primeiro buraco, tinha que ter de 8 a 10 cm, para segurar bem os ganchos. Isto feito, introduziu uma cunha de aço até o fundo desta fenda e bateu com o martelo, para só depois introduzir a ponta do gancho

com fenda cortada. Após cada batida forte do martelo na parte externa do pino, as ponta cortadas se abriam dentro da fenda com a cunha já instalada, sendo assim impossível retirá-la. Esta façanha levou um dia inteiro para ser concluída.

Detalhe: na época cada um fazia seus próprios ganchos e os que o Waldemar tinha foram feitos por ele, que era torneiro, e pelo seu pai.

Naqueles tempos não existiam cordas ou equipamentos de montanhismo especializados aqui no Brasil. Os grampos que eles fizeram, eram especiais, tinham as pontas cortadas para se interligarem na cunha e terem maior fixação, ficando bem mais segura a escalada.

Waldemar e Nelson se revezaram na colocação dos grampos, suspensos por corda presa no primeiro gancho, e foram colocando todos os outros sempre com o apoio um do outro. Colocaram os ganchos para que todos os outros escaladores conseguissem aproveitar a subida especial pela frente do Abrolhos.

Subir o morro carregando todos os apetrechos necessários já era uma aventura. Madeira para suporte, talhadeira, martelo, ganchos, cunha de aço e muitas cordas, além de comida e bebida.

“Dia inesquecível”, segundo Nelson Hey.

Não consegui localizar o modelo utilizado por eles, por ser de fabricação própria e ainda estarem dentro das pedras no Abrolhos.

Ganchos antigos



“Regrampeação no Marumbi

<https://tradfriends.com/2012/07/27/regrampeacao-no-marumbi/#more-1010>

Algumas vias “antigas” do Marumbi estão sendo regrampeadas, um projeto que conta com a iniciativa local em acordo com representantes da “velha Guarda” do nosso montanhismo. Os grampos tipo “palito” estão sendo trocados por chapeletas inox Bonier, desta maneira ganhamos muito em segurança e conforto nas escaladas.

Os grampos tipo “palito” são perigosos, e estavam muito precários devido a ação de anos de exposição ao clima. No caso de uma queda o escalador pode se machucar no próprio grampo, ou mesmo se o grampo vier a se romper. Algumas destas vias simplesmente estavam abandonadas, e o trabalho não descaracteriza as vias que agora podem ser repetidas com maior segurança. Quem ganha com isso é a comunidade montanhística, que pode desfrutar novamente de escaladas clássicas, revivendo a história do montanhismo Paranaense.

Algumas vias que já foram trabalhadas são: Fissura do Arame, Chaminé do Gavião, Kamikase, Passagem Oeste e Enferrujado. Em exemplo do trabalho, na Enferrujado a primeira cordada ganhou cinco chapas ao lado dos palitos para costura, a segunda cordada foi regrampeada com chapas duplas Bonier e pode ser escalada em A0 ou em livre.”

Descobri, em pesquisas posteriores, que estes ganchos, todos de aço, permaneceram até as trocas em 1990 e 2012, quando houve a regrampeação em alguns lugares do Conjunto Marumbi (reportagem acima).

Alguns nomes em meados dos anos 40 lembrados agora em 2021, por meu pai: Rudolfo Stamm, Irineu Pedro Bonato, Manfredo Kirchner, Bernardo Seifert - Sabão, Lothario Stoltz – Tigre e Geraldo Epp.

Por inúmeras vezes Nelson e amigos visitaram a Cachoeira dos Macacos (percurso de 2 a 3 horas), Véu da Noiva e Trilha do Itupava (de 6 a 7 horas) - eram passeios comuns para eles.

Os amigos desbravadores, Nelson e Waldemar, não conseguiram se reencontrar, apesar de terem vontade. Mesmo que o destino - muitos anos depois - os tenha entrelaçado mais uma vez ao descobrirem que a sobrinha neta do Waldemar chamada Irina é uma amiga muito querida do neto (Rodrigo) de Nelson, mesmo assim não deu certo o reencontro. Waldemar estava morando em Santa Catarina e bem doente, o que dificultou a visita.

Waldemar, Gavião do Mar, foi homenageado em 2019 pela Federação Paranaense de Montanhismo. Infelizmente faleceu pouco tempo depois.

Em resumo (de uma vida diferente) ... Nelson Hey contou que era normal ver onça parda, macacos atacando as mochilas, invasão de beija-flores... cobras e “tarântulas” do tamanho de uma mão.

Lembra também que ele colocou no topo de cada Montanha uma caixa contendo um livro (estes preciosos livros estariam no Clube Paranaense de Montanhismo?) e que todos os que subiam as montanhas abriam a caixa de proteção, onde estavam os livros, para datar e assinar, provando assim a presença no alto e a meta cumprida. Waldemar e Nelson faziam gincana para saber quantas montanhas eles conseguiriam subir no mesmo dia e não perder o trem de volta (conseguiram 7 e mais um morro). Às vezes, relatou o Nelson, ele saía correndo e conseguia chegar antes do trem na próxima estação, por diversão ou por tê-lo perdido na Estação Marumbi.

Atitudes sadias, mágicas, mas cansativas, digo eu, que estou escrevendo.

58 anos depois, vale ressaltar, que eu, Nelci Hey, fui convidada por uma amiga, Meire Miranda Moreira, a passar um fim de semana no Conjunto Marumbi na casa de Lothario Stoltz (amigo querido, falecido). É um lugar simplesmente sensacional! Um dos mais fantásticos que conheci em toda minha vida. Lá chegando, fui apresentada apenas como Nelci, sem sobrenome.

No domingo, todos levantaram cedo, para a escalada. Estávamos em 3 mulheres, Paula, Meire e eu. Como eu não escalo, fiquei na casa conversando com o Lothario. Vizinhos paravam constantemente para falar com ele, um deles foi o Professor Erwin Gröger, um ser iluminado e com um astral contagiante. Conversa vai, conversa vem e o Professor pergunta de que família eu era. Respondi que era filha de Nelson Hey. Lothario disse que conheceu um “Hai” – meu pai e eu falei que ele era realmente chamado de Tubarão. Confirmado ser meu pai, mesmo, por uma foto antiga que sempre carrego em minha carteira. Lothario também conhecia bem meu pai de uma das aventuras na montanha. Inclusive na festa de noivado de Lothario, no alto da montanha, meu pai ajudou a carregar o bolo em uma parte do caminho. O Professor Erwin parou de repente e disse: "o escoteiro magrinho que ajudou a colocar os ganchos no frontal... Tubarão junto com o Gavião?" Conteí e mostrei a eles foto atual do pai, gordinho e careca... Professor perguntou se eu sabia que meu pai era um sério escoteiro, excelente escalador e magrinho e que tempos atrás tinha cabelo e ainda rindo disse: Bons, estes meninos foram muito bons em escaladas e muito úteis na montanha".

Infelizmente eu não sabia quase nada das histórias de meu pai e só mais tarde meu pai confirmou.

Voltei convidada muitas vezes à montanha e tive o privilégio de conhecer Fabiana Orreda, bisneta de **ANTONIO ORREDA** que aparece nesta foto, sentado da esquerda para a direita, e que era montanhista também. Foto de 1902.



Segundo relatos, foi esta expedição – Antonio Orreda foi citado - que em maio de 1902 deitou fogo à macega, na serra do Marumbi, o que ocasionou o povo a supor um vulcão, e em Paranaguá entoar TE DEUM por este motivo. O chefe da equipe foi obrigado a publicar no Jornal “A República” uma

nota de esclarecimento assumindo a responsabilidade do “causo”.

Retirada de

<http://triaquimalucelli.blogspot.com/2013/06/casos-causos.html>

Porém, nunca me atrevi a escalar, ficava muito satisfeita em ser considerada a cozinheira exclusiva oficial do Lothario (apelidada por ele de Chef) e de ter o direito de levar meu filho Rodrigo junto; única criança que, por mérito, conquistou seu lugar também.

Agradeço muito ao meu pai que está hoje com 95 anos, muito lúcido, com uma saúde perfeita e simplesmente maravilhoso por ter compartilhado conosco estas histórias narradas acima.

Momentos inesquecíveis e mágicos com muitas outras histórias para contar.

Nada acontece por acaso e muitas vidas diferentes em um momento qualquer e aleatório se entrelaçam!

Se você se interessa pela história do escotismo e tem algo a colaborar com o esforço de recuperação da memória do escotismo paranaense, ou conhece alguém que se interessa, escreva para o e-mail historia@escoteirospr.org.br.

Pesquisa e Produção: João Alberto Bordignon e Ernani Costa Straube

Revisão: Fernando Gerlach

Diagramação: Lucia Antkiewicz

Escoteiros do Brasil - Região do Paraná

Rua Ermelino de Leão, 492 - São Francisco
CEP 80410-230 - Curitiba - PR
(41) 3323-1031